

# **A FASE ÁUREA DA TV RECORD**

**Autor: Edgard Ribeiro de Amorim**

Pertencendo ao grupo empresarial radiofônico de Paulo Machado de Carvalho, detentor das rádios Record, Bandeirantes, Pan-Americana, São Paulo e Cultura, a TV Record (Canal 7), de São Paulo, foi inaugurada em 27 de setembro de 1953.

Sua instalação ocorreu num prédio, no bairro de Congonhas, que foi adaptado e aparelhado com os mais modernos equipamentos de televisão até então existentes.

O início da nova emissora televisiva foi bastante árduo por diversas razões: falta de profissionais especializados, conhecimento ainda incipiente das técnicas do veículo e desvantajosa concorrência com as TVs existentes, Tupi e Paulista, inauguradas antes e, portanto, com maior prática de como se fazer televisão.

Desde o seu primeiro ano de atividades, o Canal 7 dedicou-se aos variados gêneros de programas, dando, contudo, ênfase especial aos programas musicais. A principal atração no gênero, nesse início, foi *Grandes Espetáculos União*, show comandado por Blotta Jr. e Sandra Amaral. Conforme o testemunho de Raul Duarte, um de seus primeiros diretores: “Nessa fase, entre as três emissoras, a Record ocupava um honroso terceiro lugar”.

Entretanto, realizava-se telejornalismo, teleteatro (com a participação de personalidades como Cacilda Becker, Sérgio Cardoso, Ziembinsky e outros), humorismo e programas femininos. Na programação infantil, além de desenhos animados, a emissora lançou o *Circo do Arrelia*, com o palhaço Arrelia, tirando-o da TV Paulista. Na Record, o programa conquistou o público infantil rapidamente, fazendo crescer a audiência da emissora no horário de sua emissão.

Os programas futebolísticos também mereceram atenção. E a assistência do público aumentou quando a emissora decidiu ir aos campos para transmitir diretamente a maioria dos acontecimentos esportivos, utilizando com seus modernos equipamentos, a lente *Balowstar*, a única existente na época e que permitia enquadrar, com ótima nitidez, locais distantes e mal-iluminados. A partir dessas coberturas, estabeleceu-se uma rivalidade esportiva entre a emissora e a TV Tupi, até então, a líder de audiência.

Para suplantar a rival, a Record transmitiu, em 1955, diretamente da cidade de Campinas (SP), uma partida de futebol, anunciando o feito com o *slogan*: “100 quilômetros à frente”, em faixas pela cidade, pois pela primeira vez era realizada uma transmissão de televisão fora do circuito da capital paulista.

Um ano depois, em 1956, a TV Record realizou também a primeira externa interestadual, do Rio de Janeiro para São Paulo, transmitindo o Grande Prêmio Brasil, do hipódromo da Gávea. Para essa transmissão os técnicos norte-americanos que assessoravam a Record exigiram um mínimo de doze retransmissores colocados entre as duas cidades. Diante do alto custo da operação, a emissora quis fazer apenas com a metade. Os técnicos estrangeiros se recusaram a trabalhar nessas condições, entretanto, os próprios funcionários do Canal 7 fizeram a transmissão utilizando seis retransmissores e com muito sucesso. Além da corrida de cavalos, foram transmitidas entrevistas com banhistas na praia de Copacabana, que não acreditavam estarem sendo assistidos, ao vivo, em São Paulo.

Ainda nesse ano, a TV Record instalou-se num novo prédio, à av. Miruna, com maior espaço para suas realizações.

Na década de 50, embora, as três emissoras existentes produzissem todo tipo de programação, a TV Tupi caracterizou-se pela emissão de tele-dramaturgia e a TV Record se definiu pela linha de shows humorísticos e musicais. A TV Paulista realizava teleteatros, musicais, telejornalismo e humorismo, mas sem se caracterizar por um gênero preferido, pelo público, apesar de todo o esforço de realização do programa *Teledrama*.

Sempre tentando competir com a audiência de sua principal rival, o Canal 7 tentou também realizar teleteatros, contratando grandes nomes. Em 1955, a emissora contratou novamente a atriz Cacilda Becker e sua companhia teatral. Apesar da presença da maior atriz de teatro da época, a emissora não conseguiu melhorar sua audiência no gênero,

continuando a perder para os teleteatros do Canal 3. Em entrevista a revista *Radiolândia*, nesse ano, comentando sua rápida participação no veículo, Cacilda declarava: “ Monetariamente a TV não satisfaz . Eu tenho o programa mais caro da TV. Pois, a verba dá exclusivamente para pagar os atores. O resto é pago por mim”.

A presença desses grandes nomes do teatro na televisão quase sempre não deu certo porque esses atores, na época, transportavam para a televisão a atuação e encenação exatamente iguais a do palco do teatro. Não se fazia a adaptação da encenação para o veículo TV, o que fazia com que o telespectador perdesse o interesse em assistir, pois a representação tornava-se fria, sem a comunicação direta das outras atrações. Na TV Tupi, o teleteatro era um programa de televisão, com diretor, atores e técnicos já experientes na dramaturgia televisiva. É claro que a TV Record fazia também teleteatros com artistas de televisão, produzindo programas de televisão, mas, mesmo assim, nunca obteve, na dramaturgia, o sucesso da Tupi.

Por outro lado, ao contrário da Tupi, a Record aprimorava-se na linha de shows, tornando-se líder de audiência no gênero. As atrações se sucediam e a emissora decidiu realizar programas com artistas da música internacional. De 1957 até o final da década, a programação do Canal 7 foi caracterizada pela presença de grandes astros como Louis Armstrong, Marlene Dietrich, Sarah Vaughan, Charles Aznavour, Sammy Davis Jr., Ella Fitzgerald, Frankie Avalon, Yma Sumac e tantos outros, trazidos para se apresentarem no recém-alugado teatro da Record, na rua da Consolação, espaço necessário para expandir a linha de shows e poder contar com a presença de público.

Os anos 60 foram altamente inovadores para a televisão brasileira. Além do aprimoramento técnico, iniciava-se a idéia de industrialização sociocultural do veículo, ao ser percebida sua força de comunicação perante à massa. A utilização do videoteipe (gravação eletrônica de imagem e som em fita) permitiu a comercialização e a expansão das atrações para diversos centros televisivos do país, semeando a idéia de rede de programação.

A TV Record já conhecia o videoteipe desde 1957, quando foi realizada uma experiência em que o humorista Chico Anísio conversava com ele mesmo. Considera-se essa a primeira utilização do aparelho na televisão brasileira. Todavia, ante o desconhecimento de seu potencial artístico e comercial, a emissora incentivou seu uso somente a partir de 1960, quando as outras emissoras começaram a utilizá-lo.

Por intermédio do VT, a programação da Record se modificou. Como a TV Rio(Canal 13), do Rio de Janeiro, era de propriedade de um primo do dono da TV Record, a emissora paulista, num acordo mútuo, passou a exibir também programas humorísticos e musicais produzidos no Rio. Os teipes dos grandes astros internacionais trazidos pela Record, por sua vez, passaram a ser exibidos na TV Rio. Dessa maneira diversificava-se a programação sem maiores custos para as duas emissoras.

Em 1963, a TV Excelsior, emissora paulista inaugurada em 1960, lançou-se à produção de telenovelas diárias, acostumando o telespectador a seguir diariamente os capítulos, em busca de novas emoções. A TV Tupi, também produtoras de telenovelas, copiou a idéia e as duas emissoras iniciaram o grande *boom* da produção do gênero, com sucesso de audiência jamais imaginado tais como *A Moça que veio de Longe*, da Excelsior ou *O Direito de Nascer*, da Tupi, vistas por todo o Brasil por meio do videoteipe.

A TV Record, que não tinha *know how* em novelas, investiu mais acentuadamente na linha de show e humorismo. *Praça da Alegria*, o famoso programa de humor de Manoel de Nóbrega, passou da TV Paulista para a Record. Deixou também a Paulista o autor e apresentador Silveira Sampaio, que no Canal 7 passou a fazer o programa *SS Show*, de entrevistas variadas.

A grande inovação em criatividade e aumento expressivo de audiência aconteceu, porém em 1966, quando a Record decidiu investir na nova música popular brasileira que surgia.

A emissora, como já foi salientado, sempre prestigiou a música popular, tendo sido exibido em seus programas os mais famosos nomes da canção nacional. A partir do sucesso, da música “Arrastão”, composição de Vinicius de Moraes e Edu Lobo, com uma interpretação bastante inovadora da cantora Elis Regina, no *I Festival de Música Popular Brasileira*, na TV Excelsior, em 1965, o Canal 7 resolveu reunir Elis e vários outros artistas num programa chamado *O Fino da Bossa*. Com apresentação de Elis Regina e de Jair Rodrigues, jovem cantor também iniciante, o programa consagrou no cenário musical brasileiro artistas como Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Edu Lobo, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Maria Betânia, Zimbo Trio, Wilson Simonal e tantos outros, além de exibir muitos nomes já famosos como Silvinha Teles, Agostinho dos Santos, Vinicius de Moraes, Baden Powell, Geraldo Vandré, Nara Leão, Alaíde Costa, Maysa, Elza Soares, MPB4, etc.

Utilizando o teatro Record, da rua da Consolação, o Canal 7 passou a transmitir seus programas musicais e humorísticos com a presença de público. Como entusiasmo da platéia contagiava tanto os artistas quanto os telespectadores, o sucesso dessa idéia fez com que todos os novos programas surgidos fossem transmitidos do palco do teatro. Assim aconteceu com *O Fino da Bossa*, que tinha sua lotação esgotada com várias semanas de antecedência.

Como esse programa reunia o talento novo da música popular, a emissora, para valorizar o samba tradicional, lançou o programa *Bossaude*, com apresentação de Elisete Cardoso e Ciro Monteiro, trazendo cantores como Silvio Caldas, Araci de Almeida, Orlando Silva, Ângela Maria, Cauby Peixoto, Nora Ney, Dóris Monteiro, Dircinha Batista, Dalva de Oliveira, Miltoninho e outros cartazes.

Já que a programação musical estava atendendo a gostos específicos era preciso contentar o público jovem que gostava de rock e iê-iê-iê. Sob o comando de Roberto Carlos, cantor em início de carreira, foi criado o programa *Jovem Guarda* reunindo cantores e conjuntos musicais como Ronnie Cord, Jet Blacks, Os Incríveis, Erasmo Carlos, Wanderléa, Trio Esperança, Rosemary, Jorge Ben, Martinha, os Vips, Ronnie Von, Eduardo Araújo, Silvinha, Os Mutantes (com Rita Lee) e outros.

Esses três programas fizeram tanto sucesso que a TV Record ficou em primeiro lugar de audiência nos horários de suas exibições, enquanto eles permaneceram no ar. *Jovem Guarda*, apresentado aos domingos à tarde, conseguiu, algumas vezes, índices de 90% de audiência.

Para conquistar o horário nobre do domingo, a emissora contratou a cantora e apresentadora Hebe Camargo, que, tendo sido uma das mais simpáticas apresentadoras de TV na década de 50, havia abandonado o cenário artístico. A volta de Hebe em grande estilo, num programa de variedades contendo entrevistas, atrações musicais, desfiles de moda e debates de assuntos polêmicos, conquistou rapidamente o público e o programa tornou-se, por três anos, o de maior audiência da televisão em São Paulo.

O ano de 1966 foi o início do período televisivo áureo da TV Record. Para coroar todas essas iniciativas a emissora realizou o *II Festival de Música Popular Brasileira*, com a participação de valores musicais já conhecidos e o incentivo de novos. O êxito do empreendimento foi tão grande que até mesmo seus organizadores ficaram surpresos. Desde o princípio duas músicas dominaram a opinião pública: “Disparada”, de Téo de Barros e Geraldo Vandré e “A banda”, de Chico Buarque de Holanda. Essas músicas dividiram de tal maneira o público, o meio musical e os participantes do júri, que até o último momento não se conseguia fazer uma previsão de qual seria a vencedora.

A repercussão do festival se espalhou por todo o Brasil e os jornais de outras cidades do país faziam enquetes sobre qual seria a música vencedora. As pressões dos grupos populares favoráveis tanto à *Disparada* quanto à A banda eram tão grandes em São Paulo, as manifestações à porta do teatro Record tão ostensivas, que o júri estava preocupado com a reação dos grupos antagônicos ante a escolha final. Conforme declarou Raul Duarte, um dos jurados: “ Na noite em que íamos votar, após a apresentação das dez finalistas, com o teatro lotado, com toda a imprensa em expectativa, no momento exato em que descíamos as escadas para o poço da orquestra para a votação, o Paulo Machado de Carvalho Filho veio nos dizer que o Chico Buarque tinha declarado que caso “A banda” vencesse ele não aceitaria ganhar o prêmio sozinho e que, publicamente, o dividiria com “Disparada”. A partir disso nós achamos que o problema estava resolvido, que não precisávamos mais fazer a votação e que o empate ficava decidido. Nós subimos as escadas e comunicamos o resultado ao Blota Jr., o mestre de cerimônias.”

O empate agradou apenas uma parcela do público. A grande maioria preferia uma definição pela sua favorita. De qualquer maneira, esse festival consagrou a idéia e deu continuidade a diversos outros festivais que se sucederam até 1970, alguns na Record, outros na TV Globo.

Com o sucesso estrondoso da linha de shows musicais, a Record criou diversos outros programas: *Corte Rayol Show* (com Agnaldo Rayol e Renato Corte Real), *Esta Noite se Improvisa* (com Blota Jr. e Sônia Ribeiro), *Alianças para o Sucesso*, *Caras e Coroas*, *Guerra é Guerra* e tantos mais. Foi criado também o programa mensal *Show do Dia 7*, que reunia todo o elenco humorístico e musical da emissora num programa de longa duração, no qual se exibia todo o seu potencial artístico.

Independente da linha, todos os programas utilizavam os grandes nomes contratados da casa. No elenco milionário da Record não havia um nome musical famoso que não o integrasse. Assim, esses cartazes precisavam ser distribuídos por diversos programas, além de aparecerem todos juntos, nos Shows do Dia 7.

No humor, a emissora criou o programa *Família Trapo*, com Ronald Golias, Otelo Zeloni e Renata Fronzi nos principais papéis. O texto era de Carlos Alberto de Nóbrega e Jô Soares. Apresentado sempre com auditório, o programa dominou o horário dos sábados à noite, de 1967 a 1969.

À testa desses novos programas de música, variedades e humor, tais como *Hebe*, *Família Trapo*, *Guerra é Guerra*, *Esta Noite se Improvisa* e *Show do Dia 7*, estava a Equipe A, composta por Raul Duarte, Newton Travesso, Manoel Carlos e Antônio Augusto Amaral de Carvalho. Esses profissionais foram responsáveis pelo expressivo aumento de audiência que a emissora obteve.

Com índices altos no Ibope em tantos programas, a Record decidiu investir num gênero de atração a que não estava acostumada, a telenovela. Apostando na audiência cativa de seus shows e no sucesso que as novelas alcançavam em outros canais, a emissora contratou, em 1968, um famoso elenco encabeçado por Geórgia Gomide, Fulvio Stefanini, Laura Cardoso e Altair Lima. Muitas novelas foram realizadas, algumas com êxito como: *Algemas de Ouro*, *As Pupilas do sr. Reitor* e *Os Deuses estão Mortos*. Mas o retorno comercial e a audiência não foram o esperado.

Aliás, a programação da Record, por volta de 1969, já apresentava um clima de saturação junto ao público. O esquema de seus programas foi repetido à exaustão, sem uma política de preservação dos ídolos. E também estes começavam a se sentir cansados. Uma das primeiras pessoas a sentir esse consumo exagerado foi a cantora Elis Regina, que, ao sair da Record, em 1969, não quis mais ser contratada de nenhuma outra emissora de televisão.

Com a audiência declinando, a emissora percebeu que não podia mais manter a política de “Templo da Música Popular Brasileira”, pois o telespectador estava se desinteressando dos shows e festivais (que já chamava de festivais).

Em 1970, alguns programas, como *Hebe e Família Trapo* ainda sobreviviam, mas cada vez com menos atrativos. Todos os outros grandes shows foram encerrados. Novas atrações precisavam ser criadas. Assim, surgiram *Quem tem Medo da Verdade?*, *É Proibido colocar Cartazes*, *Dia D* e outros. Esses programas agradavam e causavam polêmicas, mas o sucesso do Canal 7 era bem menor já que o público passou a assistir à TV Globo, que despontava como a nova emissora na preferência popular, tanto em shows quanto nas novelas.

Sem o retorno financeiro a que estava habituada, a TV Record iniciou a década de 70 com perspectivas econômicas alarmantes. Isso porque, os grandes lucros que a fase áurea havia propiciado foram consumidos nos quatro desastrosos incêndios que a emissora sofreu de 1966 a 1968 (que arrasaram estúdios e equipamentos), no enorme e caro elenco contratado e na má administração da diretoria que, acostumada ao lucro rápido, gastava mais do que deveria gastar, acumulando dívidas.

Apesar dos esforços, a queda da audiência, de 1972 em diante, foi quase total. Com grandes problemas, a emissora valeu-se da política de velhos filmes e seriados para sobreviver. Muitas tentativas de recuperação foram feitas, mas a Record nunca mais voltaria a ter o prestígio que havia obtido na década de 60. Um fato curioso, contudo, nessa fase, foi a contratação de comunicadores.

Nos anos 60, entre outras inovações tão importantes para o veículo, surgiu a figura do comunicador, um animador de shows de auditório, que, com seu carisma pessoal e jeito peculiar de atuação, conseguiu conquistar muita audiência. Os mais famosos surgidos foram Chacrinha (Abelardo Barbosa), Silvio Santos, Flávio Cavalcanti e Hebe Camargo. A TV Record tinha o seu comunicador na pessoa de Hebe Camargo. Como em 1973 o programa de Hebe foi encerrado, o Canal 7 resolveu investir nos outros comunicadores. Mas também estes já haviam saturado o público e nos anos 70, à exceção de Silvio Santos que soube se estruturar empresarialmente, eles estavam com pouco cartaz, motivo pelo qual a Record pôde contratar Flávio Cavalcanti e, em 1974, Chacrinha, com salários abaixo do que eles estavam acostumados receber, numa tentativa conjunta, emissora e profissionais, de voltarem à popularidade. Contudo, os dois comunicadores obtiveram fraca audiência e permaneceram pouco tempo no Canal 7.

O comunicador que muito se beneficiou com a situação de quase derrocada da Record foi Silvio Santos. Crescendo economicamente como empresário de diversos empreendimentos, Silvio Santos alugava horários nas emissoras que lhe interessavam para transmissão de seu programa dominical, que durava mais de seis horas. Primeiro na TV Globo, depois na TV Tupi, o animador ocupava todo o horário vespertino. Aproveitando-se da baixa das ações da TV Record, Silvio conseguiu, sigilosamente, ir comprando, de diferentes associados, o total de 49% das ações da emissora. Como o próprio dono, a família Machado de Carvalho possuía também 49%, estando os outros 2% restantes nas mãos do diretor Raul Duarte, o animador se tornou sócio, com o mesmo poder de decisão dos Machado de Carvalho.

Alguns programas dos estúdios Silvio Santos passaram a ser transmitidos pela Record, principalmente o seu programa dominical. Como o Canal 7, com a derrocada, havia perdido sua rede de emissoras associadas espalhadas pelo país, o comunicador continuou transmitindo o *Programa Silvio Santos* também pela rede Tupi, que atingia todo o Brasil. Verificou-se então, todo domingo, a insólita situação de duas emissoras diferentes transmitirem o mesmo programa de televisão. O fato durou até 1980, com a falência e encerramento da TV Tupi.

Silvio Santos injetou dinheiro na Record, nos anos 70, e alguns programas foram criados. Nenhum, entretanto, foi tão popular que conseguisse fazer com que a emissora abandonasse sua política de exibição de filmes e seriados velhos, de todos os gêneros, para sobreviver. Assim se comportou a emissora por toda a década de 80, produzindo apenas alguns programas jornalísticos (telejornais, entrevistas, debates) e esporádicos musicais. Somente ao ser vendida para o grupo empresarial Igreja Universal do Reino de Deus, sua participação no meio televisivo iria se modificar, enfrentando os anos 90 e o novo século com relativo fôlego para se recuperar no prestígio popular.

*Fim*